

José Carlos Mariátegui e a revolução permanente*

MICHAEL LÖWY**

Recorda-se, este ano, o aniversário de [90 anos da morte] de José Carlos Mariátegui (1894-1930), o grande marxista latino-americano e um pensador comparável, pela força e originalidade de seu pensamento, aos grandes marxistas europeus.

Um dos aspectos mais importantes – e também controvertidos – de sua obra é sua concepção de revolução peruana e latino-americana, desenvolvida sobretudo durante seus últimos anos, geralmente polemizando com Haya de la Torre e seu partido (o APRA, Aliança Popular Revolucionária Americana). Trata-se de uma visão estratégica que apresenta analogias surpreendentes com a teoria da revolução permanente.

Mariátegui conhecia os escritos de Trotsky (havia publicado um deles – “Sobre Lênin” – em sua revista *Amauta*, em 1927); mas seria errôneo e historicamente falso acreditar que ele havia deduzido sua concepção de revolução peruana e latino-americana a partir dessa fonte. Em primeiro lugar, porque o próprio Trotsky não formularia sua teoria da revolução permanente, como tese de alcance universal, até 1929 e o livro não seria publicado até 1930, ano da morte de Mariátegui. Em realidade, o fundador do comunismo peruano chegará por seu próprio caminho, mediante uma reflexão autônoma e original, a conclusões bastante próximas ou análogas às do criador do Exército Vermelho.

* Tradução de Deni Alfaro Rubbo e revisão técnica de Leandro Galastri. O presente artigo foi publicado originalmente na revista francesa *Imprecór* (n. 385, novembro de 1994), ligada à IV Internacional, por ocasião do centenário de nascimento de José Carlos Mariátegui.

** Sociólogo, pesquisador do CNRS (Centre National de Recherches Scientifiques), em Paris (França). E-mail: michael.lowy1@gmail.com

No momento em que Stalin formula a doutrina da revolução por etapas e do bloco das quatro classes e a aplica (ou faz aplicar) na China – com as consequências que se sabe –, Mariátegui reage de maneira contraditória. Por um lado, parece aceitar, entre 1927-1928, a política chinesa do Komintern, mas ao mesmo tempo se apressa em negar sua validade na América Latina:

A colaboração da burguesia e, também, de muitos elementos feudais na luta anti-imperialista chinesa explica-se por razões de raça, da civilização nacional, que entre nós não existem. O chinês nobre ou burguês sente-se profundamente chinês. [...]. Na Indo-América, as circunstâncias não são as mesmas. A aristocracia e a burguesia não são as mesmas. A aristocracia e a burguesia crioulas não se sentem solidárias com o povo pelos laços de uma história e de uma cultura comuns. (Mariátegui, 1979c [1929], p.273-274)

Mais tarde, em 1929, reconhecerá seu erro em relação a China: “A traição da burguesia chinesa, a ruptura do Kuomintang [...] demonstrou quão pouco se podia confiar, mesmo em países como a China, no sentimento nacionalista revolucionário da burguesia” (Ibid.).

“Populista”?

Seja como for com relação ao Oriente, Mariátegui está convencido de que a burguesia local não pode jogar um papel democrático e revolucionário no Peru e na América Latina. Por exemplo, ele escreve em 1927-1928: “Não existe no Peru, e não existiu nunca, uma burguesia progressista com uma sensibilidade nacional” (Mariátegui, 1955 [1928], p.28). É por isso que ele se volta ativamente para os trabalhadores e camponeses como força motriz da revolução peruana e funda, em 1929, a Confederação Geral dos Trabalhadores Peruanos (CGTP).

Os escritos de Mariátegui sobre o campesinato indígena no Peru e na Indo-América lhe valeram, por parte dos porta-vozes soviéticos (stalinistas), o epíteto de “populista”. Segundo V. M. Miroshovski, o principal representante dessa crítica “ortodoxa”, a principal heresia de Mariátegui consistia em crer na possibilidade de uma revolução socialista no Peru, negando a necessidade de etapa prévia, a

revolução democrático-burguesa, antifeudal e anti-imperialista [...] para fundar sua afirmação do imediato caráter socialista da revolução no Peru, recorria a argumentos que partem do romantismo nacionalista, da idealização do regime social inca, da fetichização “populista” da comunidade camponesa. (Flores Galindo, 1982, p.29-31)

É certo que, em vários ensaios e artigos, ele avançou a ideia heterodoxa de que as tradições comunitárias (pré-colombianas) dos indígenas peruanos podiam constituir o ponto de partida para uma organização socialista do campo. Se isso foi o suficiente para caracterizar uma teoria como populista, o próprio Marx teria sido um pensador “populista”. Como se sabe, em numerosas ocasiões, ele havia

defendido exatamente essa ideia – e em particular no prefácio à edição russa do *Manifesto Comunista*, de 1882 – em relação à comunidade campesina russa tradicional (*obschtina*)...

Na realidade, as ideias de Mariátegui não podiam ser assimiladas ao populismo em nenhum caso. Por um lado, porque para ele (como para Trotsky) a emancipação dos camponeses não poderá realizar-se senão mediante uma revolução proletária, ao mesmo tempo socialista e democrática (“antifeudal”, para usar uma terminologia da época, bastante imprecisa):

Em nossa América espanhola, ainda semifeudal, a burguesia não soube nem quis realizar as tarefas de liquidação da feudalidade [...]. Corresponde ao socialismo esta tarefa. A doutrina socialista é a única que pode dar um sentido moderno, construtivo, à causa indígena, que, situada em seu verdadeiro terreno social e econômico [...] pode contar para a realização desta tarefa com a vontade e a disciplina de uma classe que aparece hoje em nosso processo histórico: o proletariado (Mariátegui, 1979b [1930], p.188)

Por outro lado, porque não predicava de forma alguma uma volta ao passado. Para ele, reconhecer o papel das tradições comunitárias indígenas “não significa em absoluto uma tendência romântica e anti-histórica de reconstrução ou ressurreição do socialismo inca, que correspondeu a condições históricas completamente superadas”, senão simplesmente levar em consideração “como fatores utilizáveis, em uma técnica de produção perfeitamente científica, os costumes de cooperação e o socialismo dos camponeses indígenas”.¹

Tentativas de recuperação

O grande mérito e a originalidade de Mariátegui foram precisamente a revalorização do imenso potencial revolucionário do campesinato indígena, da riqueza de sua cultura milenar, da vitalidade de suas tradições comunitárias, ao mesmo tempo que mostrava, com rigor e realismo, que a revolução socialista era a única solução autêntica para seus sofrimentos, sua miséria e sua exploração pelos latifundiários. Pode-se falar de romantismo, sobre essa sensibilidade pela herança

¹ Ver sobre isto as interessantes notas de Rubem Jiménez Ricardez em sua introdução à edição mexicana dos escritos políticos de Mariátegui: “Em sua polêmica com a IC, Mariátegui utilizou os principais argumentos que ele tinha anteriormente avançado contra os apristas. O programa proposto pela IC para os revolucionários na América Latina se parecia, como duas gotas de água, com o programa defendido por Haya e seus sequazes. Havia observado a incapacidade das burguesias latino-americanas de resolver as tarefas democrático-burguesas. Sustentou, como corolário lógico, que somente a classe trabalhadora era capaz de resolvê-las, e, neste processo, de transformar o continente em socialista. Assim propôs a linha da revolução ininterrupta. Na Conferência Comunista Latino-Americana, Mariátegui foi criticado duramente, entre outros por [Vittorio] Codovilla [...]. Também na conferência, parece que Mariátegui foi acusado de trotskista” (Jiménez Ricardez, 1979, p.42).

cultural, em Rosa Luxemburgo, quando elogiava o comunismo primitivo em sua *Introdução à economia política*.

Após tratar Mariátegui como “populista”, os stalinistas vão tentar, alguns anos mais tarde, “recuperá-lo” reinterpretando seus escritos à luz da doutrina kominterniana da revolução por etapas. Tentaram legitimar essa leitura deformadora referindo-se a um ou dois parágrafos de sua obra, tiradas de seu contexto. Por exemplo, citam com insistência a passagem seguinte do Programa do Partido Socialista, redigido por Mariátegui em outubro de 1928:

Só a ação proletária pode, primeiro, estimular e, depois, realizar as tarefas da revolução democrático-burguesa, que o regime burguês é incompetente para desenvolver e cumprir [...]. Cumprida sua etapa democrático-burguesa, a revolução irá tornar-se proletária nos seus objetivos e na sua doutrina. (Mariátegui, 1979c [1929], p.161-162)

Ora, esse texto pode ser lido e interpretado tanto em uma ótica “permanentista” como em uma ótica “etapista”; para decidir qual interpretação é a adequada, há, no entanto, uma solução evidente: confrontar esta passagem com o conjunto dos escritos de Mariátegui dessa época. Por exemplo, no editorial do número 17 da revista *Amauta*, de setembro de 1928, Mariátegui sublinha de forma explícita, radical e sem equívoco a necessária fusão das tarefas democráticas e socialistas da revolução na América Latina:

A revolução latino-americana será uma etapa, uma fase da revolução mundial, nada mais, nada menos. Será, pura e simplesmente, a revolução socialista. A esta palavra acrescentem, segundo os casos, todos os adjetivos que quiserem: “anti-imperialista”, “agrarista”, “nacionalista-revolucionária”. O socialismo os supõe, os antecede, abrange-os a todos. À América do Norte capitalista, plutocrática, imperialista, só é possível opor eficazmente uma América, latina ou ibérica, socialista. A época da livre concorrência na economia capitalista terminou em todos os campos e sob todos os aspectos. Estamos na época dos monopólios, vale dizer, dos impérios. Os países latino-americanos chegam com atraso à concorrência capitalista. Os primeiros postos já estão definitivamente ocupados. O destino destes países, dentro da ordem capitalista, é o de simples colônias. (Mariátegui, 1979a [1928], p.247-248)

Pode-se considerar algumas dessas formulações como excessivas ou demasiado esquemáticas: “semicoloniais” (ou países dependentes) seria mais preciso que “simples colônias”; e a definição da revolução como “pura e simplesmente” socialista parece subestimar o peso das tarefas democráticas (que são listadas na sequência). Mas o que não se pode fazer de forma alguma sob pena de falsificação total é apresentar o autor dessas linhas como um partidário da revolução por etapas.

Essas ideias são retomadas, sob formas e acentos diversos, em vários outros escritos de Mariátegui durante esses anos de 1928-1930. Mencionemos apenas o mais célebre, o documento “Ponto de Vista Anti-Imperialista”, apresentado por Mariátegui na Conferência Comunista Latino-Americana de junho de 1929 (Buenos Aires):

Nem a burguesia, nem a pequena burguesia, no poder, podem fazer uma política anti-imperialista [...]. Sem prescindir do emprego de nenhum elemento de agitação anti-imperialista, nem de nenhum meio de mobilização dos setores sociais que possam eventualmente participar dessa luta, nossa missão é explicar e demonstrar às massas que só a revolução socialista oporá ao avanço do imperialismo um obstáculo definitivo e verdadeiro. (Mariátegui, 1979c [1929], p.90-91)

Mais uma vez, pode-se considerar que esta formulação subestima as aspirações anti-imperialistas da pequena burguesia (ou ao menos de seus setores radicalizados), mas nada seria mais absurdo que fazer de seu autor um teórico do bloco das quatro classes e da aliança com a burguesia nacional contra o imperialismo.

A natureza da revolução

De qualquer maneira, suas teses foram rejeitadas por Vittorio Codovilla e os responsáveis comunistas “ortodoxos” na conferência de Buenos Aires. Como observa Flores Galindo em seu notável livro *La agonía de Mariátegui*, enquanto a Internacional Comunista queria lutar por uma revolução “democrático-burguesa” (Flores Galindo, 1982, p.29-31), Mariátegui e seus camaradas se recusavam a considerar o capitalismo como um progresso e tinham como objetivo uma revolução socialista (cf. Miroshovski, 1978, p.55-70).

Em outros termos: a ideia da dinâmica socialista da revolução peruana e latino-americana encontra-se no centro da reflexão política de José Carlos Mariátegui no curso dos anos 1928-1930, no que ela tinha de mais original e inovador em relação à doutrina tanto da APRA, como do comunismo oficial. Seria artificial identificar sua concepção com aquela, mais sistemática, da transformação da revolução democrática em socialista e de articulação entre tarefas nacionais, agrárias e socialistas que Trotsky está formulando exatamente na mesma época e que publicará em sua *A revolução permanente* em 1930; mas a similitude da intenção política fundamental, a analogia entre a formulação essencial dos dois são inegáveis.

Um “trotskista”!

Parece que no curso da Conferência dos Partidos Comunistas Latino-Americanos de 1929, a acusação de “trotskismo” havia sido lançada contra Mariátegui. Tratava-se, bem entendido, de uma inexatidão, mas tinha seu “núcleo racional”: as teses de Mariátegui sobre a revolução latino-americana estavam mais próximas

da Oposição Comunista de Esquerda do que as da direção stalinista do Komintern (Mariátegui, 1979b [1930], p.188 e Mariátegui, 1979c [1929], p.161-162).²

Mais tarde, em sua etapa de “recuperação” de Mariátegui, alguns autores stalinistas o apresentaram como “antitrotskista”, com o pretexto de sua polêmica contra o “trotskista” Max Eastman, em seu livro *Defensa del marxismo*, de 1930. No entanto, não apenas Max Eastman tem pouco a ver com o trotskismo, mas também e, sobretudo, nesse livro, Mariátegui se refere a Trotsky como um exemplo ilustre, junto com Marx, Lenin e Rosa Luxemburgo, da unidade entre homem de ação e de pensamento (Mariátegui, 1959, p.39).

Internacionalista convicto, Mariátegui acompanhava de perto os debates dentro do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), sem tomar posição explicitamente por uma tendência ou outra. Em um artigo de 1928, ao mesmo tempo que considerava a vitória de Stálin como uma etapa inevitável da Revolução Russa e o resultado de uma retração nacional provisória, ele saúda em Trotsky o líder que representa

o sentido internacional da revolução socialista. Seus notáveis escritos sobre a transitória estabilização do capitalismo o colocam entre os mais alertas e sagazes críticos da época. Mas este mesmo sentido internacional da revolução, que lhe confere tanto prestígio na cena mundial, retira-lhe, momentaneamente, sua força na prática da política russa. (Mariátegui, 1970 [1928], p.216)

Um ano depois (fevereiro de 1929), quando Stálin enviava Trotsky ao exílio expulsando-o da URSS, Mariátegui escreve um artigo em que aparece esta fórmula premonitória:

A Revolução Russa deve seu valor internacional, ecumênico, seu caráter de fenômeno precursor do surgimento de uma nova civilização, ao pensamento que Trotsky e seus companheiros reivindicam com todo seu vigor e coerência. Sem uma crítica vigilante, que é a melhor prova da vitalidade do partido bolchevique, o governo soviético correria provavelmente o risco de cair em um burocratismo formalista, mecânico. (Mariátegui, 1970 [1929], p.27)

Nem “trotskista”, nem “antitrotskista”, Mariátegui era um revolucionário marxista consequente, um anti-imperialista e internacionalista autêntico e seu pensamento pertence a todas as pessoas que lutam, como ele, pela revolução socialista no Peru, na América Latina e no mundo inteiro.

2 O conceito de “socialismo inca” é muito discutível; ver sobre esse aspecto o esclarecedor texto de Robert Paris, “José Carlos Mariátegui y el modelo de ‘comunismo inca’”, em seu livro *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui* (1981).

Referências bibliográficas

- FLORES GALINDO, Alberto. *La agonía de Mariátegui: la polémica con la Komintern*. Lima: Desco, 1982.
- JIMÉNEZ RICARDEZ, R. Introducción. In: MARIÁTEGUI, J. C.. *Obra Política*. México: Era, 1979.
- MARIÁTEGUI, J. C. Aniversario y balance. In: _____. *Ideología y política*. 10.ed. Lima: Amauta, 1979a [1928].
- _____. *Defensa del marxismo*. Lima: Amauta, 1959.
- _____. El exilio de Trotsky. In: _____. *Figuras y aspectos de la vida mundial III*. Lima: Amauta, 1970 [1929].
- _____. Prefacio a “El Amauta Atusparia”. In: _____. *Ideología y política*. 10.ed. Lima: Amauta, 1979b [1930].
- _____. Principios programáticos del Partido Socialista. In: _____. *Ideología y política*. 10.ed. Lima: Amauta, 1979c [1929].
- _____. Punto de vista anti-imperialista. In: _____. *Ideología y política*. 10.ed. Lima: Amauta, 1979d [1929].
- _____. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Santiago de Chile: Ed. Universitaria, 1955 [1928].
- _____. Trotsky y la oposición comunista. In: _____. *Figuras y aspectos de la vida mundial II*. Lima: Amauta, 1970 [1928].
- MIROSHEVSKI, V. El “populismo” en el Perú. El papel de Mariátegui en la historia del pensamiento social latino-americano. In: ARICÓ, J. (org). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. México: Cuadernos de Pasado y Presente/Siglo XXI, 1978.
- PARIS, R. *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*. México: Cuadernos de Pasado y Presente/Siglo XXI, 1981.

Resumo

O artigo realiza uma análise do pensamento de José Carlos Mariátegui sobre a revolução latino-americana e aponta algumas convergências com as ideias políticas de Leon Trotsky e a Oposição Comunista de Esquerda, especialmente a proposta de tarefas democráticas e socialistas simultâneas na contramão da concepção stalinista de revolução por etapas.

Palavras-chave: Mariátegui; Trotsky, revolução permanente; marxismo latino-americano; anti-imperialismo.

Abstract

The article analyzes José Carlos Mariátegui’s thought about the Latin American revolution and points out some convergences with the political ideas of Leon Trotsky and the Left Communist Opposition, especially the proposal of simultaneous democratic and socialist tasks, against the Stalinist conception of revolution in stages.

Keywords: Mariátegui; Trotsky, permanent revolution; Latin American Marxism; anti-imperial.